

# Por uma cartografia intelectual da *Revista da Academia Mineira de Letras* (RAML: 1922-1964): um estudo sobre autoria, gêneros textuais e volumes

*For an Revista da Academia Mineira de Letras' (RAML:  
1922-1964) Intellectual Cartography: a Study about Authors,  
Textual Genres and Volumes*

Luiz Henrique Silva de Oliveira  
Centro Federal de Educação Tecnológica  
de Minas Gerais (CEFET-MG)  
Belo Horizonte | MG | BR  
CNPq  
henriqueletras@yahoo.com.br  
<https://orcid.org/0000-0003-1287-5317>

**Resumo:** Pretende-se estudar a *Revista da Academia Mineira de Letras*, considerando os anos de 1922 a 1964, por meio do que chamamos de cartografia intelectual, isto é, um mapa das produções contidas na revista. Assim, abordaremos os seguintes parâmetros: volumes da revista; quantitativo de textos; autores publicados; gêneros textuais presentes. O recorte temporal considera os primeiros 22 volumes produzidos antes da grande pausa da publicação, ocorrida entre 1965 e 2001, ano da retomada do periódico. É relevante lembrar que a Academia Mineira de Letras (AML) foi fundada em Juiz de Fora, em 1909, e transferida para a capital do estado de Minas Gerais, em 1915. A revista da AML constitui-se como rede material dos debates literários, intelectuais, sociais, políticos e editoriais do nosso estado. Resultados: há a predominância da autoria masculina; há a presença quase que unívoca de acadêmicos nas páginas do periódico; há a constância de determinados gêneros (discurso, biografia, ensaio e poesia); há o exercício da crítica literária em sentido amplo.

**Palavras-chave:** cartografia intelectual; Revista da Academia Mineira de Letras; Academia Mineira de Letras.

**Abstract:** The paper pretends to study of the *Revista da Academia Mineira de Letras* (RAML), considering the years from 1922 to 1964, through what we call intellectual cartography, that is, a “map” of the productions contained in the magazine. Therefore, we will address the following



parameters: magazine volumes; quantity of texts; published authors; textual genres. The period considered is the first 22 volumes produced before the major pause in publication, which occurred between 1965 and 2001, the year in which the periodical was revived. It is important to remember that the Academia Mineira de Letras (AML) was founded in Juiz de Fora, in 1909, and transferred to the capital of the state of Minas Gerais, in 1915. The AML magazine constitutes a material network of literary debates, intellectual, social, political and editorial aspects of our state. Results in the study: a predominance of male authorship; an almost univocal presence of academics on the journal's pages; the constancy of certain genres (speech, biography, essay and poetry); the exercise of literary criticism in a broad sense.

**Keywords:** intellectual cartography; Revista da Academia Mineira de Letras; Academia Mineira de Letras.

Neste artigo, propusemo-nos a mapear a produção intelectual da *Revista da Academia Mineira de Letras* (RAML). Tal periódico é publicado desde 1922 e, em 2024, chega ao número 83, embora contabilize alguns períodos de interrupção. Por produção intelectual, entenderemos o conjunto de contribuições presentes nos volumes analisados. Assim, fazem parte do nosso interesse quantificar: os autores que no periódico publicaram, os gêneros textuais mais recorrentes e a distribuição de autoria e gêneros textuais por volume(s) da RAML. Pretende-se trazer um mapa inicial de informações quantificadas, de tal sorte a abrir futuras entradas e chaves analíticas na revista. Arriscamos sugerir que nosso percurso aqui apresentado pode ajudar a abrir caminhos de outros pesquisadores, porque trazemos recortes tendo em vista variáveis produtivas para a análise do conjunto. Como o total de informações e variáveis é bastante denso – e considerando que jamais pretendemos esgotar as possibilidades analíticas dos dados –, optamos por nos debruçar sobre as duas primeiras fases da revista. A primeira corresponde ao intervalo de 1922-1935, contendo 16 volumes publicados (do n. 1 ao n. 16). A segunda fase, de 1953-1964, que contou com 5 volumes (n. 18, 19,<sup>1</sup> 20, 21 e 22.1). E a terceira fase, que vai de 2001 até o presente momento e totaliza 21 edições da revista. Esta última, pois, não será objeto deste artigo.

Do ponto de vista metodológico, após visitas técnicas à sede da Academia Mineira de Letras (AML), localizada na Rua da Bahia, 1466, Belo Horizonte – MG, pudemos acessar os exemplares na revista. De 2020 até 2021, obtivemos os dados por meio do acesso aos exemplares impressos e disponíveis na reserva técnica da instituição. A partir de 2022, pudemos

---

<sup>1</sup> O que deveria ser o número 19 foi erroneamente numerado como 17. Outro equívoco de numeração ocorreu com o salto do volume 23. Foram publicados os volumes 22.1 e 22.2. Na sequência, veio ao público o volume 24. O serviço bibliotecário da AML informou-nos sobre equívoco na ocasião de uma de nossas visitas técnicas.

acessar os exemplares da revista de maneira *online*, uma vez que houve a digitalização e disponibilização de todos os números do periódico no site da AML.<sup>2</sup>

A leitura dos exemplares publicados entre 1922 a 1964 ofereceu vastas e diversas possibilidades de parametrização de dados. Afinal, a revista, em suas duas primeiras fases, não trazia padronização quanto à forma e disposição dos conteúdos. Por isso, num primeiro momento, a fim de listar os autores, gêneros e volumes, optamos por usar o *Excel*. Com o desenvolvimento da pesquisa, houve crescimento exponencial dos dados, de tal sorte que fomos obrigados a criar um banco de dados em *Python*. A vantagem desta linguagem é que ela oferece possibilidade imediata de cruzamento de dados, armazenamento e acesso amplo ao volume de informações, além de ágil capacidade de buscas por meio de palavras-chave. Sem contar que a ferramenta facilita o cruzamento de variáveis, como era nossa pretensão.

Mas, por que motivo estudar a Revista da Academia Mineira de Letras? Esta casa de cultura tem sido decisiva para a conservação e também para a renovação de parte do campo literário mineiro (Ribeiro, 2023). O campo literário é um microcosmo social dotado de relativa autonomia e regras próprias, resultante e resultado de um determinado espaço social mais amplo, segundo Pierre Bourdieu. O campo é o local de disputas entre os agentes que o integram e que buscam manter ou alterar determinadas posições. As posições no campo são ocupadas por meio da aquisição de capitais, os quais são mensurados de acordo com as dinâmicas de cada campo. Os capitais são possuídos ou desejados pelos agentes que compõem o campo. Posse e desejo são responsáveis pela manutenção ou conservação de posições hierárquicas que os agentes ocupam no campo. Nas palavras do sociólogo, todo campo “é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (Bourdieu, 2004, p. 22-23). Ora endossando o passado, ora apontando para o futuro, a RAML assume justamente o papel de tensionar conservação e renovação, posições marcantes na personalidade literária de nosso estado. Defendemos que a RAML se coloca ao mesmo tempo como vanguarda e como mantenedora da materialização discursiva das Letras mineiras. Assim, mais especificamente, insistimos que estudar a RAML significa compreender as dinâmicas e debates intelectuais que fomentaram parte do nosso campo literário.

Bem o comprovam a heterogeneidade não só de acadêmicos vinculado à AML, representantes de vários setores da intelectualidade do estado, mas também o número significativo de colaboradores de outros estados que se fizeram presentes na RAML. Isso porque, embora Minas Gerais possua ampla tradição intelectual movida por Academias, ainda havia a carência de um fórum de discussão cultural de significativa envergadura, capaz de mobilizar atores e discussões culturais de vários setores, para além, claro, das Letras. Acreditamos não ser exagero afirmar que foi justamente a RAML quem operou como uma espécie de “catalisador” das discussões culturais durante seus números, anseio, aliás, já listado no editorial do número 1, de 1922: “colaborar com eficácia no desenvolvimento das letras mineiras”. A fim de “catalisar” a discussão sobre as artes, a literatura e a cultura a RAML possui como princípio a liberdade de pensamento. Não que se trate de um jogo de “vale tudo”, porque a AML opera

---

<sup>2</sup> ACADEMIA Mineira de Letras. Belo Horizonte: AML, c2025. Disponível em: [https://academiamineiradeletras.org.br/publicacoes/?perpage=12&view\\_mode=cards&paged=1&order=DESC&orderby=date&fetch\\_only=thumbnail%2Ccreation\\_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch\\_only\\_meta=&metaquery%5Bo%5D%5Bkey%5D=129252&metaquery%5Bo%5D%5Bvalue%5D=Revista](https://academiamineiradeletras.org.br/publicacoes/?perpage=12&view_mode=cards&paged=1&order=DESC&orderby=date&fetch_only=thumbnail%2Ccreation_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch_only_meta=&metaquery%5Bo%5D%5Bkey%5D=129252&metaquery%5Bo%5D%5Bvalue%5D=Revista). Acesso em: 02 fev. 2024.

como instituição editora. Logo, havia (e ainda há), por certo, seleção e mesmo curadoria de cada volume do periódico aqui estudado.

A este respeito, vale lembrar o papel decisivo de editores, casas ou iniciativas editoriais – como a AML tem sido para a RAML – para a organização de determinado campo cultural. Segundo Aníbal Bragança (2005), são os editores, entendidos aqui como pessoas, empresas ou instituições, que decidem quais textos vão ser transformados em impressos e a qual público estes impressos devem servir. A edição é lugar de decisão, de comando e de criação, isto é, o coração do trabalho do editor. Assim, Bragança assevera que os editores funcionam como “um filtro no elo entre autor e leitor. Filtro que pode ser uma barreira intransponível, mas pode, também, ser uma ponte” (Bragança, 2005, p. 224). Público, direção, comando, criação, filtro, barreira ou ponte sintetizam parte da cadeia editorial e problematizam o que é publicado como produto editorial, bem como a natureza dos discursos contidos em cada publicação. Não só a AML possui publicações – há uma longa tradição de Academias, muitas das quais possuíram revistas.

As Academias de Letras são instituições que visam fomentar e preservar o patrimônio letrado de uma determinada região. Nelas acontecem relevantes reflexões a respeito da cultura, das artes, da história e da memória cultural. De acordo com João Gomes Filho (2003, p. 147), a origem do termo “Academia” deve-se à trajetória do herói ateniense Academos, o qual revelou a localização de Helena, mais conhecida como “Helena de Tróia”, quando os heróis Castor e Pólux, irmãos de Helena, foram salvá-la de um sequestro executado por Teseu. Em troca da informação, Academos pediu aos irmãos que os lacedemônios poupassem a região de Ática durante as invasões, pois essa terra os havia pertencido. Posteriormente, o local foi transformado num jardim chamado Academia. De acordo com Maria Luísa Malato (2009), no jardim, construiu-se um ginásio, onde Platão e seus discípulos se reuniam para ensinamentos diversos, tais como matemática, dialética, ciência natural e preparação de estadistas. Tal lugar teria sido o modelo responsável por inspirar, por volta 386/387 a. C., a escola filosófica de Platão, a primeira Academia reconhecida como tal pela fortuna crítica sobre o tema. Malato (2009, p. 7) ainda relata que essa Academia surgiu de forma espontânea, ou seja, instituiu-se da vontade civil. Além disso, conciliava atividades didáticas com a especulação filosófica e fazia associação de culto dedicado a Apolo e às Musas.

Séculos depois, surgiram as chamadas Academias Modernas, a partir do século XVI. Estas novas organizações começaram a apresentar mudanças em suas concepções e modelos, se comparadas às iniciativas da Antiguidade. Por certo, com a chegada do Renascimento (séculos XIV ao XVII), a tradição das Academias foi revisitada. As primeiras Academias regulares deste momento adquiriram uma nova significação: passaram a operar como associação espiritual sem função docente (Filho, 2003, p. 148). No contexto Europeu, originaram-se a Academia do Palácio (1570) – posteriormente chamada de Academia Francesa propriamente dita (1634); a Academia de Florença (1582); a Accademia dei Lincei (1603);<sup>3</sup> a Academia Real de Londres (1660).

Já no Brasil, as primeiras Academias foram criadas a partir do século XVIII. Vale destacar: na Bahia, a Academia Brasílica dos Esquecidos (1724) e a Academia Brasílica dos Renascidos (1759);

---

<sup>3</sup> Fundada em Roma, em 1603, por Federico Cesi em parceria com Giovanni Heckius, Francesco Stelluti e Anastasio de Filiis. É considerada a mais antiga academia científica do mundo. O objeto de seu estudo eram as ciências naturais, diferenciando-se das academias italianas dos séculos XVI e XVII, as quais tinham pretensões literárias. Teve como um dos membros o cientista Galileu Galilei (1564-1642).

em São Paulo, a Academia dos Felizes (1736); no Rio de Janeiro, a Academia dos Seletos (1752) e a Academia Brasileira de Letras (1896); e, em Minas Gerais, a Academia Mineira de Letras (1909).

A Academia Mineira de Letras (AML) foi inaugurada aos 25 dias de janeiro de 1909, na cidade de Juiz de Fora. Entretanto, apenas em 1915 a instituição foi transferida para Belo Horizonte e, somente em 1987, passou a ocupar o Palacete Borges da Costa, atual sede, localizada na Rua da Bahia, da capital.

Segundo Aldo Delfino, um dos fundadores da instituição, coube ao poeta Machado Sobrinho presidir a primeira sessão da AML, na sala da Câmara Municipal de Juiz de Fora, com participação de diversos intelectuais, entre eles Eduardo de Menezes, Machado Sobrinho, Heitor Guimarães, Brant Horta, Amanajós de Araújo, José Rangel, Lindolfo Gomes, Belmiro Braga, Albino Estêves, Francisco Lima, Luiz de Oliveira e Dilermando Cruz (Delfino, 1954, p. 198). Estes elegeram como sócios os dezoito nomes mais votados dentre os homens de letras nascidos ou que exerciam atividade literária ou científica em Minas Gerais. Assim, foram eleitos: Estevão de Oliveira, Bento Ernesto Júnior, Mário de Lima, Franklin de Magalhães, Mendes de Oliveira, Aldo Delfino, Diogo de Vasconcelos, Mendes Pimentel, Nelson de Sena, Alphonsus de Guimarães, J. Paixão, J. A. Massena e João Lúcio. De acordo com o acadêmico Oiliam José (2003, p. 28), para fazer parte da Academia, é necessário ter o mínimo de 21 votos dos membros da instituição.

Desde a sua criação, a AML tem sido palco de debates que engrandeceram a cultura do estado. Nela, muitos homens e, mais tardiamente, mulheres<sup>4</sup> dedicaram suas vidas ao ato de registrar a vasta literatura mineira e parte da nacional. Graças a esse minucioso trabalho, é possível encontrar em seu acervo textos escritos por notáveis professores, poetas, cientistas, jornalistas, parlamentares, cardeais, arcebispos, sacerdotes, juristas, linguistas e até mesmo presidentes da república. De acordo com Soraia Lara (2020, p. 29), a Academia Mineira de Letras reuniu ao longo dos anos um acervo de “mais de 30 mil livros, além de periódicos, correspondências, documentos, fotografias e objetos pessoais de escritores e personalidades de destaque na história literária, cultural e política de Minas Gerais”.

A AML tem se dedicado a publicações de diversos materiais. O mais longo é a sua revista, publicada de 1922 aos dias atuais, somando 83 volumes. Há também catálogos de exposições realizadas pela AML, tais como *Escritos de minas* (2021) e *Godofredo Rangel* (2022, v. 1 e 2). Durante os anos de 2014 e 2015, a Instituição publicou Boletins informativos bimensais. Este material foi descontinuado em função da ausência de apoio financeiro. Por fim, a Academia mantém um *blog*, por meio do qual comunica os eventos e informes gerais.<sup>5</sup> Vale destacar que a criação da RAML facilitou o processo de arquivamento e preservação das atividades da AML. No momento de criação do periódico, os acadêmicos acreditavam que a ele seria uma forma de cumprir o *slogan* da instituição: *scribendi nullus finis* presente no *slogan* (“o escrever não tem fim”).

É Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves (2018, p. 21) quem apresenta uma proposta de periodização da história da RAML por meio de três fases: a 1ª corresponde ao intervalo de 1922 até 1936. A 2ª, bem breve, vai de 1953 a 1954. Por fim, a 3ª fase, que começa em 2001 e segue até o presente momento. O estudioso utiliza grandes pausas e hiatos para separar as fases da revista. Adotaremos esta classificação neste estudo. Durante os anos estudados neste traba-

<sup>4</sup> As mulheres só foram aceitas na instituição, em 1963, tendo como primeira acadêmica a poetisa e prosadora Henriqueta Lisboa. Posteriormente, outras acadêmicas também ingressaram na instituição, como Maria José de Queiroz, Lacyr Schettino e Aláide Lisboa de Oliveira.

<sup>5</sup> ACADEMIA Mineira de Letras. Belo Horizonte: AML, c2025. Disponível em: <https://academiamineiradeletras.org.br/blog>. Acesso em: 02 fev. 2024.

lho, de 1922 a 1954, houve a publicação de 21 números da RAML, sendo 16 na fase 1 e 5 na fase 2. Não houve a publicação do número 19.

No somatório entre as fases, encontramos 600 textos publicados, sendo 468 na fase 1 e 132 na fase 2. A discrepância em relação aos números de cada fase pode ser explicada – a fase inicial da revista contou com maior número de volumes publicados, o que lhe garantiu, uma vez havendo razoável média de páginas entre os números nestas duas fases (aproximadamente duas centenas), previsível volume de textos. Além disso, a fase de abertura encontrou um cenário mais propício à colaboração, já que os acadêmicos a estimulavam.

É válido salientar o cenário político nada favorável ao desenvolvimento de atividades intelectuais no Brasil. O primeiro hiato da revista ocorre a partir da instauração do Estado Novo, que durou de 1937 até 1945. A RAML voltou a circular apenas 9 anos mais tarde e precisou ser interrompida justamente em 1964, em função da instalação da ditadura civil-militar no país. O periódico abrigava vozes de variadas personalidades e tendências políticas, muitas das quais consideradas dissidentes ou contraventoras pelo regime autoritário que se estabeleceu à época.

Os dados, pois, estão sintetizados abaixo.

Tabela 1 – Total de textos publicados na RAML – Fases 1 e 2

RAML	Textos publicados
Fase 1	468
Fase 2	132
Total (Fase 1+2)	600

Fonte: elaboração própria.

Por certo, existe variação quanto ao número de textos por volume. Nos mais caudalosos volumes da RAML houve a publicação de seletas ou antologias de poemas de acadêmicos, a exemplo do que ocorreu no número 16: só de Lindolfo Gomes, por exemplo, foram de 68 poemas, sendo 23 em formato livre e 45 sonetos; seguidos por 42 poemas publicados por Arthur França e 19 de Francisco Rodriguez Marin. Tomo o número 16 como parâmetro não apenas porque é o mais denso da série, durante o período analisado, mas porque evidencia tal espaço editorial como estratégico por parte dos autores/acadêmicos. Afinal, a RAML circulava predominantemente entre agentes do campo literário e, logo, fazer circular poesia na RAML significa ampliar a capacidade de “consumo” dos textos entre formadores de gostos e opiniões, para além de edições individuais em livros. É esta inclusive a estratégia adotada por Arthur França. Nesta direção, também merecem destaque os números 6 (com 43 textos, sendo 7 só de Arthur França); 11 (também com 43 textos, sendo 13 de Arthur França, 7 de Ramos Arantes e 5 de Arthur Lobo); e 14 (com 41 textos, sendo 21 de Arthur França). Vejamos os números:

Tabela 2 Volume x quantidade de textos publicados na RAML –  
Fases 1 e 2

Volume	Quantidade de textos
1	14
2	8
3	19
4	18
5	22
6	43
7	19
8	22
9	9
10	34
11	43
12	16
13	9
14	41
15	10
16	141
17	45
18	16
20	39
21	22
22.1	10

Fonte: elaboração própria.

A RAML nunca estabeleceu um número fixo de textos por volume, tampouco um limite de páginas por volume. Até porque, a revista dependeu principalmente do envio voluntário de contribuições escritas de seus acadêmicos nestas duas primeiras fases. Este fato vai se modificar a partir da terceira fase, quando se avolumam as contribuições textuais de convidados externos à AML. A AML, neste momento, movimenta-se no sentido de maior abertura à sociedade, aproximando-se dela e travando laços de cooperação com diversos intelectuais e setores artísticos e culturais. É preciso considerar ainda que, nas fases aqui estudadas, a revista circulou de modo impresso apenas, ao contrário do cenário contemporâneo. Este fator é determinante para que a RAML tivesse ora mais, ora menos textos, uma vez que o tamanho dos volumes impacta diretamente nos custos das tiragens. As edições comemorativas geralmente

puderam contar com maior aporte financeiro por parte do poder público. E, inegavelmente, tiveram maior apelo dentre a sociedade civil, ao contrário dos volumes não comemorativos.

Já em relação ao número de gêneros textuais publicados, também chama a atenção a vastidão e diversidade deles, embora seja esperada alguma concentração produtiva de alguns gêneros – curtos – em detrimento de outros. Entendemos gêneros textuais neste artigo na esteira do que propõe Luiz Antônio Marcuschi (2008, p. 149): “formas de ação social”, as quais englobam as dimensões cultural, cognitiva e social, amparadas por uma estrutura de forma. Gêneros textuais não são criados por um falante, eles resultam de “formas socialmente maturadas em práticas comunicativas na ação languageira” (Marcuschi, 2008, p. 189). Assim, os gêneros surgem como *formas* da comunicação, a fim de atender às necessidades de expressão do ser humano. São eles distintos na mesma intensidade em que são distintas as demandas de comunicação. Para diferenciá-los – salvaguardando as dificuldades de alguns limites, definidos pelo linguista como “intergenericidade” – levam-se em conta as formas de estruturação e a validação destas formas no tempo e no espaço.

Tabela 3 – Total de gêneros textuais publicados na RAML – Fases 1 e 2

RAML	Gêneros distintos publicados
Fase 1	33
Fase 2	21
Total (Fase 1+2)	54

Fonte: elaboração própria.

Como a primeira fase contou com maior número de volumes, é natural que ela trouxesse um maior quantitativo absoluto de gêneros textuais distintos. Resta saber quais serão aqueles com maior recorrência durante a publicação do periódico. É o que procuraremos desenvolver a partir da próxima tabela.

Tabela 4 – Quantitativo de gêneros textuais na RAML – Fase 1

Gênero textual	Quantidade
Poema	281
Discurso	64
Biografia	30
Ensaio	27
Peça teatral	8
Conferência	7
Homenagem, Relatório	5
Artigo de opinião, Crônica	4

Conto, Depoimento, Notícia	3
Carta, Estatuto, índice, Novela	2
Alocução, Apólogo, Apresentação, Bibliografia, Entrevista, Excertos, Herma, Lista, Mensagem, Ópera-lírica, Lista, Mensagem, Palestra, Prefácio, Regimento, Registro de pastorais, Resenha, Romance (trecho)	1

Fonte: elaboração própria.

A primeira fase contou com contribuições apenas de acadêmicos, muitos deles ligados à escrita de poesia. Logo, o predomínio do gênero poema (281 aparições) é esperado como um dos mais recorrentes e, não seria exagero dizer, até não surpreende ser o mais recorrente. Isso porque, como dissemos, os autores utilizavam a RAML como ampliação da capacidade de circulação de seus textos, sobretudo os poemas. Além disso, como a revista dependia do envio voluntário de textos para publicação, era natural aceitar todas as contribuições textuais dos acadêmicos, mais ainda em se tratando de gêneros curtos.

É também natural que o gênero discurso (64) seja um dos mais recorrentes; afinal, em todas as sessões da AML eles estão presentes. São lidos por acadêmicos em ocasiões de posse, defesa de opinião etc. São manifestações que ajudam a formar a ideia de tradição e a estabelecer noções de identidade, linhagem e pertencimento. É como defende Jorge Luis Borges, em seu célebre “Kafka y sus precursores” (1974): “o grande escritor cria a sua própria relação de modelos”.

Arriscamos dizer que a recorrência do ensaio (27), da conferência (7) e do artigo de opinião (4) testemunham o amplo debate crítico que a revista abriga. Além de ser um espaço dedicado à circulação de textos literários, a apreciação crítica da arte da palavra e das demais artes ocupou significativa parcela da revista. Estes gêneros cumpriram bem este papel, uma vez que traziam abordagens sobre ícones do passado e sobre a cena de seu tempo. Bem exemplificam a primeira tendência os ensaios “Goethe e as mulheres”, de Eduardo Frieiro; “Goethe e Napoleão”, de Guilhermino Cesar; publicados no volume 7 da RALM, em homenagem ao poeta alemão; ou mesmo “O sentido religioso do romantismo”, de Teixeira de Salles (v. 16). Por outro lado, bem ilustram a segunda tendência “O poeta Mendes de Oliveira, autor de *Prélios pagão*”, de J. Pinto de Souza (v. 16) e “Monteiro Lobato e os mineiros”, de João Dornas Filho (v. 17).

A publicação de relatórios (5) faz parte da rotina de transparência e prestação de contas referentes ao funcionamento da AML. Encontramos gêneros com menores recorrências e, por isso, apenas os listamos: as quatro (4) aparições de cada um: crônica, carta, estatuto, índice, novela, conto, depoimento, notícia (3). Alocução, apólogo, apresentação, bibliografia, entrevista, excertos, herma, lista, mensagem, ópera-lírica, lista, mensagem, palestra, prefácio, regimento, registro de pastorais, resenha, (trecho de) romance (1).

A fase 2 traz resultados em certa medida semelhantes aos da fase 1, o que nos indica continuidade da linha editorial da RAML, apesar dos anos de interrupção.

Tabela 5 – Quantitativo de gêneros textuais na RAML – Fase 2

Gênero textual	Quantidade
Discurso	51
Poema	19
Ensaio	17
Resenha	7
Nota, Notícia	6
Conto	4
Carta, Conferência, Crônica	3
Biografia, Homenagem	2
Artigo de opinião, Estatuto, Lista, Normas, Nota de agradecimento, Nota de falecimento, Notas bibliográficas, Parecer, Prefácio	1

Fonte: elaboração própria.

Neste momento, avolumam-se as publicações dos discursos dos Acadêmicos, totalizando 51 recorrências. Tal fato se deve ao período de represamento da circulação da RAML – e dos discursos –, além do ímpeto de retomada das atividades da própria AML. Foram discursos de posse, como o “Discurso de posse” de Nilo Aparecida Pinto (v. 17); de saudação aos novos membros, como a “Saudação a Nilo Aparecida Pinto”, de Mário Matos; ou de elogio às figuras exponeciais do passado, conforme se lê em “A obra de Abílio Barreto”, de Mário Casasanta (v. 21).

Poemas também seguiram recorrentes: 19 aparições. Assim como na fase 1, na fase 2 houve a publicação de inéditos ou seletas de poemas de autores, que veriam na RAML a oportunidade de ampliar a audiência entre formadores de opinião. O volume 20 é paradigmático, já que trouxe contribuições em verso de Honório Armond (“Cabala – Maledictio”, “Cabala – Benedictio”); de Djalma Andrade (“Ato de caridade”, “Mater admirabilis”) e até mesmo de Carlos Drummond de Andrade (“O impossível”).

Em seguida, surge o gênero ensaio, com 17 aparições. Assim como na fase anterior, estes textos tematizaram assuntos diversos, a exemplo de “Notas para a história da literatura mineira”, de João Dornas Filho (v. 21) e “Euclides da Cunha no cinquentenário”, de Fábio Lucas (v. 22.1). Não notamos ensaios dedicados à literatura estrangeira na fase 2, é válido dizer.

Se a primeira fase trouxe apenas uma resenha, na segunda encontramos 7 delas, dado que chama a atenção não só pelo quantitativo absoluto, mas também pelo gesto de apreciação positiva de acadêmicos em relação aos textos de autores com menor envergadura no campo literário brasileiro. Poderíamos dizer que as resenhas cumprem o papel de endosso ou “transferência” de capital aos “recém-chegados”, dada a apreciação dos já “estabelecidos” (Bourdieu, 1982). São bons exemplos “Duas novelas românticas sul-americanas: *María*

e *Amália*”, de Maria José de Queiroz (v. 21). A obra *María* é de autoria do escritor argentino, de origem judia, Jorge Isaacs, e foi publicada em Buenos Aires, no ano de 1949. Queiroz refere-se à obra como “a que melhor se identifica com o espírito americano” (RAML, v. 21, p. 189). Já o romance *Amália*, de José Mármol, foi publicado em Buenos Aires em 1951 e expressa o dia a dia de três personagens que vivem sob o signo de um governo totalitário: Daniel, Amália e Eduardo. Os três são pontos de partida para a discussão sobre os traços da realidade argentina à época, na economia do texto. A escritora brasileira rejeita os traços panfletários atribuídos a Mármol por parte da crítica e o defende, ao afirmar que o autor portenho “conhecera a intensidade do drama vivido por todos os argentinos” (RAML, v. 21, p. 194) e, por isso, fez *Amália* com tantos traços políticos e sociais do início do século XX.

Outros gêneros foram encontrados, como a nota e a notícia (6 aparições); o conto (4); a carta, a conferência e a crônica (3); a biografia e a homenagem (2). Com uma aparição na segunda fase, encontramos os gêneros: artigo de opinião, estatuto, lista, normas, nota de agradecimento, nota de falecimento, notas bibliográficas, parecer e prefácio.

Para sintetizar os dados referentes aos gêneros, temos a seguinte disposição por volumes da RAML.

Tabela 6 – Distribuição de gêneros textuais x volumes da RAML – Fases 1 e 2

Vol.	Gênero textual	Quant.
1	Biografia / Discurso / Ensaio / Relatório	4
2	Discurso	1
3	Apólogo / Biografia / Conto / Crônica / Discurso / Ensaio / Poema / Relatório	8
4	Alocução / Artigo de opinião / Biografia / Conferência / Discurso / Estatuto / Mensagem / Regimento	8
5	Biografia / Conferência / Discurso / Ensaio / Entrevista / Novela / Poema / Relatório	8
6	Biografia / Discurso / Ensaio / Herma (representação/escultura) / Homenagem / Índice / Lista / Novela / Peça teatral / Poema	10
7	Apresentação / Biografia / Carta / Conferência / Discurso / Ensaio / Peça teatral / Poema	8
8	Biografia / Conferência / Crônica / Discurso / Ensaio / Poema / Relatório / Resenha / Romance	9
9	Conferência / Crônica / Ensaio / Peça teatral / Poema	5
10	Discurso / Ensaio / Notícia / Peça teatral / Poema	5
11	Artigo de opinião / Biografia / Discurso / Palestra / Peça teatral / Poema	6
12	Bibliografia / Carta / Depoimento / Discurso / Ensaio / Excertos / Notícia / Poema / Registro de pastorais	9
13	Biografia / Depoimento / Ensaio / Prefácio	4

14	Artigo de opinião / Conferência / Discurso / Ensaio / Peça teatral / Poema	6
15	Biografia / Discurso / Estatuto / Homenagem / Peça teatral	5
16	Biografia / Discurso / Ensaio / Ópera-lírica / Poema	5
17	Biografia / Conto / Discurso / Ensaio / Estatuto / Nota / Nota de agradecimento / Nota de falecimento / Parecer / Poema / Prefácio / Resenha	12
18	Artigo de opinião / Conferência / Discurso / Ensaio / Homenagem / Notícia / Resenha	7
20	Carta / Conferência / Conto / Crônica / Discurso / Ensaio / Lista / Normas / Nota / Notícia / Poema / Resenha	12
21	Biografia / Carta / Conto / Crônica / Discurso / Ensaio / Homenagem / Poema / Resenha	9
22.1	Conferência / Ensaio / Nota / Notas Bibliográficas / Resenha	5

Fonte: elaboração própria.

Outro elemento de análise foi a participação em quantidade de contribuições de cada autor. Neste caso, desconsideramos as autorias institucionais e coletivas as quais fazemos saber: de autoria imprecisa foram encontrados 3 textos, nos volumes 12 e 16. Assinados apenas com “da Revista do Archivo Público Mineiro” houve 3 textos, mais precisamente notícias publicadas no volume 5; por conseguinte, 2 textos literários apócrifos foram publicados nos volumes 7 e 8 e 1 coautoria entre Renato Lima e Noraldino Lima tomou as páginas do volume 16, sendo o assunto um discurso de homenagem aos artistas mineiros. V. Muller, H. Knippnig e J. C. Nathan publicaram conjuntamente no volume 7 uma carta ao presidente da AML. Sandoval Campos e Amyntas Lobo publicaram 2 notas biográficas sobre José Maria Teixeira de Azevedo Júnior no volume 5. Finalmente, o Regimento da AML foi publicado no volume 4, tendo como autoria apenas “Comissão de Redação Final”, em verdade formada pelos membros Carlos Góes, Avelino Fóscolo e Paulo Brandão.

Afora os casos especiais, os dados encontrados seguem na tabela abaixo:

Tabela 7 – Quantitativo de contribuições textuais x autoria x volume na RAML – Fase 1

Autoria	Volume(s)	Quant. textos
Arthur França	10   11   14   16   6	102
Lindolfo Gomes	1   11   16   7	57
Aníbal Matos	10   11   12   14   15   16   2   4   6   7   8   9	28
Mendes de Oliveira	1   11   14   16   8   9	26
Francisco Rodriguez Marin	16	21
Carlos Góes	1   12   2   3   4   5   6   7   8	14

Noraldino Lima	1   10   11   16   2   3   5   6   8	13
Lopes Rodrigues	13   8	10
Machado Sobrinho	10   14   7	10
Abílio Barreto	4   5   6	8
Mário Matos	10   11   14   5   8	7
Nelson de Senna	1   12   3   5	7
Ramos Arantes	11	7
Agripa de Vasconcelos	14   2   3   4   8	6
José de Mesquita	14   8   9	6
J. Paixão	10   3   8	5
João Lucio Brandão	1   3   4   5	5
Álvaro da Silveira	1   2   3	4
Arthur Lobo	11	4
José Eduardo da Fonseca	1   11   3   4	4
Oswaldo de Araújo	10	4
Almeida Cousin	6	3
Alphonsus de Guimaraens	14   8   9	3
Julinda Alvim	6	3
Luiz de Oliveira	10   3	3
Mario de Lima	1   6	3
Abílio Machado	6	2
Afonso Pena Júnior	16   4	2
Albino Esteves	15   3	2
Almeida Magalhães	14   2	2
Barão Homem de Melo	11	2
Cleomenes Campos	6	2
Dilermando Cruz	4	2
Eduardo de Menezes	1   4	2
Franklin Magalhães	3   8	2
Guilhermino Cesar	12   7	2
José de Anchieta	12	2
José Joaquim do Carmo Gama	10	2
Lucio dos Santos	12   7	2
Mario Mendes Campos	15   8	2

Martins de Almeida	8	2
Martins de Oliveira	12   15	2
Newton Belleza	6	2
Paulo Brandão	2   5	2
Plínio Mota	6	2
A. J. Sampaio	14	1
Adalberto Mattos	16	1
Alberto Deodato	12	1
Aldo Delfino	3	1
Antônio Cabral	12	1
Antônio França	8	1
Antônio Simões	12	1
Augusto de Lima	16	1
Avelino Fóscolo	3	1
Belmiro Braga	11	1
Brant Horta	3	1
Carlos Chiacchio	14	1
Carmo Gama	3	1
Diogo de Vasconcellos	9	1
Eduardo Frieiro	7	1
Gastón Figueira	6	1
Gustavo Penna	5	1
Heitor Guimarães	14	1
Horácio Guimarães	11	1
J. Guimarães Menegale	9	1
J. Pinto de Souza	14	1
Joaquim Silvério de Souza	1	1
Lacerda Nogueira	4	1
Lourenço Nicolai	7	1
Manual José do Nascimento	15	1
Mario Mello	5	1
Mário Casasanta	10	1
Navantino Santos	2	1
Olympio de Araújo	3	1

Pamphilo Assumpção	8	1
Pedro Saturnino	14	1
Plínio de Mendonça	4	1
Raul d'Almeida Magalhães	16	1
Renato Travassos	6	1
Salles de Oliveira	14	1
Sigefredo Marques	12	1
Teixeira de Salles	16	1
Vulmar Coelho	14	1

Fonte: elaboração própria.

O que explicaria este cenário tão heterogêneo quando o assunto é o quantitativo de contribuições na fase 1 na RAML? Assumimos o risco de propor algumas hipóteses. A primeira delas é a efetiva participação dos autores não só na redação da RAML, mas nas atividades da AML. Este argumento pareceu-nos ser o mais lógico, já que os acadêmicos que mais participaram da RAML estão entre os mais assíduos nas reuniões da AML, ao menos se tomarmos como exemplo aqueles que contaram com mais de uma dezena de textos na revista: Arthur França (102), Lindolfo Gomes (57), Aníbal Matos (28), Mendes de Oliveira (26), Carlos Góes (14) e Noraldino Lima (13). Além disso, tais acadêmicos participaram ativamente da redação dos documentos oficiais da AML e assumiram postos de gestão, como presidência e secretariado. Tal cenário leva-nos a propor que quanto mais engajado nas atividades rotineiras da Academia estiver o autor, maior a tendência em contribuir com a Revista, enviando-lhe textos.

Vejamos o cenário da fase 2.

Tabela 8 – Quantitativo de contribuições textuais x autoria x volume na RAML – Fase 2

Autoria	Volume(s)	Quant. textos
Academia Mineira de Letras (AML)	17   18   20   22.1   10   11   15   5   6   7	39
Mário Matos	17   18   20   22.1	6
Martins de Oliveira	18   20   21   22.1	5
Djalma Andrade	17   20   21	4
Heli Menegale	17   20   21	4
João Dornas Filho	17   20   21   22.1	4
Abílio Barreto	17   21	3
Bueno de Cerqueira	17   21	3
Honório Armond	17   20	3
José Clemente	20	3

Lindolfo Gomes	17   20	3
Oscar Mendes	17   21   22.1	3
Salomão de Vasconcelos	20   21	3
Aires da Mata Machado Filho	17   21	2
Alphonsus de Guimaraens Filho	17   20	2
Aníbal Matos	18	2
Arduíno Bolívar	20	2
Arthur Lobo	21	2
Augusto de Lima Júnior	20	2
Eduardo Frieiro	20   21	2
Gilberto de Alencar	20   21	2
Giosuè Carducci	17	2
Lúcio dos Santos	18	2
Moacir Andrade	17   18	2
Mário Casasanta	20   21	2
Otacílio Negrão de Lima	17   18	2
Silva Guimarães	17   20	2
Waldemar Tavares	18	2
Aldo Delfino	20	1
Antônio de Almeida Morais Junior	17	1
Arnaldo Cathord	18	1
Augusto Fernandes de Azevedo	17	1
B. L. Garnier	21	1
Bento Ernesto Júnior	20	1
Bueno de Cerqueira e Waldemar Pequeno	21	1
C. Batista de Castro	20	1
Carlos Drummond de Andrade	20	1
Carlos Goés	18	1
Carmo Gama	21	1
Ciro dos Anjos	17	1
Cristiano Martins	17	1
Emílio Moura	17	1
Firmino Costa	18	1

Francisco Sales de Oliveira	20	1
François de Malherbe	17	1
Fábio Lucas	22.1	1
Godofredo Rangel	17	1
Guilherme de Almeida	17	1
Ignácio Raposo	18	1
J. Oswaldo de Araújo	22.1	1
Joaquim Ribeiro	20	1
José Maria Teixeira de Azevedo Júnior	20	1
José Oswaldo de Araújo	21	1
Maria José de Queiroz	21	1
Murilo Rubião	17	1
Mário de Lima	21	1
Nilo Aparecida Pinto	20	1
Oíliam José	22.1	1
Othon Lynch Bezerra de Melo Filho	17	1
Plínio Mota	20	1
Sem autoria	18	1
Waldemar Pequeno	21	1
Ângela Vaz Leão	22.1	1

Fonte: elaboração própria.

O fato diferente em relação à fase 1 é o quantitativo de textos publicados na fase 2, aliás, tão diminuta em números. Foram 39 textos assinados apenas como “Academia Mineira de Letras”. Tal fato se explica pela veiculação de notas e demais informes da casa, bem como pela replicação de excertos de textos de periódicos, como *Minas Gerais*, sem autoria individual definida ou detectável em nossas pesquisas. O fato justifica-se também por ser um momento em que a AML planejava a expansão de seus trabalhos, ainda que diante de um contexto bastante adverso do ponto de vista político. São exemplos, extraídos do número 17, os textos/notícias institucionais: “Prêmio literário ‘Othon Lynch Bezerra de Melo’” e o parecer positivo “Sobre a admissão de Mulheres na Academia”.

Nomes como Mário Matos (6), Martins de Oliveira (5), Djalma Andrade (4), Heli Menegale (4) e João Dornas Filho (4) confirmam a tendência de que quanto mais intenso for o engajamento do acadêmico nos trabalhos da casa, maior será a contribuição textual Tais

escritores também exerceram cargos na diretoria da AML e foram responsáveis pela tentativa de expansão da RAML. Predomina, pois, a autoria masculina.

Neste estudo, não tivemos a pretensão de esgotar as possibilidades interpretativas dos dados. Antes, procuramos traçar algumas características da RAML. Foram publicados 21 volumes da RAML, os quais tiveram lugar entre 1922 e 1964. Contabilizamos o total de 600 textos, sendo 468 publicados na fase 1 e 132 na fase 2.

Notou-se heterogeneidade quanto ao total de textos publicados em cada volume. Os volumes que trouxeram seletas de poemas de autores tiveram maior número de textos.

Foram 54 os gêneros textuais distintos encontrados, sendo 33 na fase 1 e 21 na fase 2. Dentre estes gêneros, na fase 1, o *top 3* é o seguinte: poema (281), discurso (64) e biografia (30). Já na fase 2, o *top 3* é: discurso (51), poema (19) e ensaio (17). Em que pese o poema ser o mais numeroso gênero publicado na RAML, a variação entre as fases pode ser explicada. Nas fases 1 e 2, a RAML abriu amplo espaço ao registro de discursos de acadêmicos e à circulação de poemas por eles escritos. Contudo, a fase 1 registou maior número de biografias, fato que arriscamos justificar pela necessidade de a AML estabelecer diálogos com a tradição da qual ela “escolhe fazer parte”. E, na fase 2, o movimento é mais analítico em relação à cultura de modo geral, daí o expressivo número de ensaios.

Na fase 1, o *top 3* em contribuição autoral foi assim delineado: Arthur França (102), Lindolfo Gomes (57), Aníbal Matos (28). Já na fase 2, temos o predomínio da autoria institucional da Academia Mineira de Letras (39), seguido de Mário Matos (6) e Martins de Oliveira (5). Enquanto a autoria institucional parece se explicar pelo avolumamento da publicação de informes da casa, incluindo a expansão de seus trabalhos, as autorias individuais mais recorrentes são de intelectuais mais ativamente engajados no cotidiano da AML.

Esperamos que este estudo possa abrir caminhos para outras pesquisas sobre a AML e sobre a RAML. O passo atual tem sido o de analisar a terceira fase da Revista (2001-2024).

## Agradecimentos

Ao CNPq, pelo apoio financeiro à realização da pesquisa.

À equipe do projeto *Cartografias Intelectuais da RAML*: Priscila Viégas Duque, Larissa Endil, Júlia Ferraz e Michelson Breno Pereira Silva.

À Academia Mineira de Letras.

Ao CEFET-MG.

## Referências

BARBOSA, Alaor. Considerações sobre as Academias de Letras. *Revista da academia mineira de letras*. Belo Horizonte, v. 38, 2005, p. 217-223.

BORGES, Jorge Luis. Kafka y sus precursores. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 1974.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sérgio Miceli. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.

BRAGANÇA, Aníbal. Sobre o editor: notas para sua história. *Em questão*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, jul./dez. 2005, p. 219-237.

CASTELO, José Aderaldo. *O movimento academicista no Brasil (1641-1820/22)*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1978.

D'ÁLVARES, Martins. Academia Brasileira dos Esquecidos. *Revista do instituto do Ceará*. Fortaleza, v. 46, 1946, p. 188-197. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1946/1946-AcademiaBrasileiradosEsquecidos.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2024.

DELFINO, Aldo. Breve notícia histórica da Academia Mineira de Letras (fase de Juiz de Fora, 1909 a 1915). *Revista da academia mineira de letras*. Belo Horizonte, v. 20, 1954, p. 198-212.

DUARTE, José Afrânio Moreira. As Academias de Letras. *Revista da academia mineira de letras*. Belo Horizonte, v. 31, 2003, p. 61-64.

ELIAS, Simone Santana Rodrigues; MARTINS, Décio Ruivo. O papel das Academias para o nascimento da elite intelectual na América Portuguesa. *Revista da FLUP*. Porto, v. 7, n. 2, 2017, p. 49-69.

FERREIRA, Licínia. O papel das academias no desenvolvimento da ciência em Portugal: o caso do Instituto de Coimbra. Congresso Luso-brasileiro de História das Ciências Coimbra, 2011. In: *Congresso luso-brasileiro de história das ciências: livro de actas*. Coimbra: IUC, 2011. p. 1274-1286.

FILHO, João Gomes. Academia: da Grécia até Minas. *Revista da academia mineira de letras*. Belo Horizonte, v. 30, 2003, p. 147-158.

FONDA, Enio Aloísio. A Academia dos Felizes (1770) e a poesia latina de frei Antônio de Sant'Anna Galvão, religioso franciscano. *Revista do instituto de estudos brasileiros*, n. 13, 1972, p. 67-84.

JOSÉ, Oíliam. Nossa Academia. *Revista da academia mineira de letras*. Belo Horizonte, v. 28, 2003, p. 27-31.

LARA, Soraia. A organização dos acervos da Academia Mineira de Letras. *Revista da Academia Mineira de Letras*. Belo Horizonte, v. 80, 2020, p. 29-37.

MALATO, Maria Luísa. A Academia de Platão e a matriz das Academias Modernas, *Notandum* 19, n. 19, 2009, p. 5-16.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RAML. Duas palavras. *Revista da academia mineira de letras*, Belo Horizonte, n. 1, 1922, p. 1-2. Disponível em: [https://academiamineiradeletras.org.br/publicacoes/revista-da-aml-no1/?perpage=12&order=DESC&orderby=date&metaquery%5B%5D%5Bkey%5D=129252&metaquery%5B%5D%5Bvalue%5D=Revista&pos=82&source\\_list=collection&source\\_entity\\_id=125129&ref=%2Fpublicacoes%2F%3Fperpage%3D12%26view\\_mode%3Dcards%26paged%3D7%26order%3DDESC%26orderby%3Ddate%26fetch\\_only%3Dthumbnail%252Ccreation\\_date%252Ctitle%252Cdescription%26fetch\\_only\\_meta%3D%26metaquery%255B%255D%255Bkey%255D%3D129252%26metaquery%255B%255D%255Bvalue%255D%3DRevista](https://academiamineiradeletras.org.br/publicacoes/revista-da-aml-no1/?perpage=12&order=DESC&orderby=date&metaquery%5B%5D%5Bkey%5D=129252&metaquery%5B%5D%5Bvalue%5D=Revista&pos=82&source_list=collection&source_entity_id=125129&ref=%2Fpublicacoes%2F%3Fperpage%3D12%26view_mode%3Dcards%26paged%3D7%26order%3DDESC%26orderby%3Ddate%26fetch_only%3Dthumbnail%252Ccreation_date%252Ctitle%252Cdescription%26fetch_only_meta%3D%26metaquery%255B%255D%255Bkey%255D%3D129252%26metaquery%255B%255D%255Bvalue%255D%3DRevista). Acesso em: 20 fev. 2024.

SILVEIRA, Pedro Talles da. Academia brasílica dos esquecidos (1724-1725). In: VARELLA, Flávia; OLIVEIRA, Maria da Glória de; CONTIJO, Rebeca (org.). *História e historiadores no Brasil: da América portuguesa ao império do Brasil (1730-1860)*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2015. p. 43-53.

SILVESTRE, João. *História dos estabelecimentos científicos, literários e artísticos de Portugal*. v. 18. Lisboa: Tipografia da Real Academia de Ciências, 1871.